



**DESCOLONIZANDO A PESQUISA ACADÊMICA: uma teorização sem disciplinas**

**DESCOLONIZANDO LA INVESTITA ACADÊMICA: una teorización sin disciplinas**

**DESCOLONIZANDO A PESQUISA ACADÊMICA: uma teorização sem disciplinas**

**Edgar César Nolasco<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Venho escrevendo sobre a exterioridade e sobre o conceito de *exterioridade* há um bom tempo dentro do NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS – NECC coordenado por mim, bem como orientando pesquisas cujos aportes teóricos são embasados por tal discussão conceitual. De um modo geral, as pesquisas todas desenvolvidas no NECC desde 2009 contemplam, direta ou indiretamente, as epistemologias fronteiriças, que ancoram a discussão acerca da exterioridade. Também meu livro **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza** (2013) arrola as discussões realizadas dentro do Grupo de pesquisa. Gostaria de dizer, mesmo que de forma rápida, que o lócus geohistórico e territorial no qual nos encontramos aqui, incluindo a universidade (UFMS) na qual trabalho e penso, e às vezes vivo, não apenas permite que embasemos nossas discussões teóricas dessa epistemologia outra, ou fronteiriça, como nos leva, nos obriga a sermos todos desobedientes (MIGNOLO) diante da epistemologia moderna que grassou por essa banda fronteiriça (incluindo a América Latina como um todo), por meio, sobretudo, do discurso acadêmico e disciplinar, com seu desejo totalizante e abstratizante ao mesmo tempo. A exterioridade foi criada pela modernidade, ou seja, pelo pensamento moderno, pelo sistema colonial moderno. Logo, a exterioridade é aquilo que tal retórica construiu (inventou, criou) para colonizar, conquistar, dominar, ou bem eliminar. Quando se habita a *exterioridade*,

---

<sup>1</sup> Edgar César Nolasco é professor da UFMS e Coordenador do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC – CNPq/UFMS e Pesquisador-visitante e Associado do PACC-UFRJ. [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br).

surge dessa condição a epistemologia fronteiriça como um método de todo pensar descolonial. De acordo com Walter Mignolo, a “exterioridade não é algo que se pode descrever somente do interior do sistema, mas requer uma narrativa criada na mesma exterioridade” (MIGNOLO, 2011, p. 51).

**PALAVRAS-CHAVE:** Exterioridade; América latina; Fronteira-Sul.

**RESUMEN:** Vengo escribiendo sobre la exterioridad y sobre el concepto de *exterioridad* hace un buen tiempo dentro del NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS – NECC coordinado por mí, así como orientando investigaciones cuyas aportaciones teóricas están basadas en tal discusión conceptual. En general, las investigaciones todas desarrolladas en el NECC desde 2009 contemplan, directa o indirectamente, las epistemologías fronterizas, que anclan la discusión acerca de la exterioridad. También mi libro **Perto do coração selvaje da crítica fronteriza** (2013) arrola las discusiones realizadas dentro del Grupo de investigación. Me gustaría decir, aunque de forma rápida, que el locus geoistórico y territorial en el que nos encontramos aquí, incluyendo la universidad (UFMS) en la que trabajo y pienso, ya veces vivo, no sólo permite que basamos nuestras discusiones teóricas de esa epistemología otra , o fronteriza, como nos lleva, nos obliga a ser todos desobedientes (MIGNOLO) ante la epistemología moderna que ha atravesado por esa banda fronteriza (incluyendo a América Latina como un todo), por medio, sobre todo, del discurso académico y disciplinario, el deseo totalizante y abstracto al mismo tiempo. La exterioridad fue creada por la modernidad, o sea, por el pensamiento moderno, por el sistema colonial moderno. Por lo tanto, la exterioridad es lo que tal retórica construyó (inventó, creó) para colonizar, conquistar, dominar, o bien eliminar. Cuando se habita la *exterioridad*, surge de esa condición la epistemología fronteriza como un método de todo pensamiento descolonial. De acuerdo con Walter Mignolo, la “exterioridad no es algo que se puede describir solamente del interior del sistema, sino que requiere una narrativa creada en la misma exterioridad” (MIGNOLO, 2011, p. 51).

**PALABRAS CLAVE:** Exterioridad; América Latina; Border-Sur.

**ABSTRACT:** I have been writing about exteriority and the concept of *exteriority* for a long time within the NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS – NECC coordinated by myself, as well as guiding researches whose theoretical contributions are based on such conceptual discussion. In general, the researches developed in the NECC since 2009 contemplate, directly or indirectly, the border epistemologies that anchor the discussion about the exteriority. Also my book **Perto do coração selvaje da crítica fronteriza** (2013) lists the discussions carried out within the Research Group. I would like to say, even if quickly, that the geo-territorial and territorial locus in which we find ourselves here, including the university (UFMS) in which I work and think, and sometimes live, not only allows us to base our theoretical discussions on this other epistemology , or frontier, as it does us, obliges us to be all disobedient (MIGNOLO) in the face of the modern epistemology that raged through this frontier band (including Latin America as a whole), through, above all, academic and disciplinary discourse, totalising and abstracting desire at

the same time. Externality was created by modernity, that is, by modern thought, by the modern colonial system. Therefore, exteriority is what such rhetoric constructed (invented, created) to colonize, conquer, dominate, or eliminate. When the *exteriority* is inhabited, the frontier epistemology emerges from this condition as a method of all decolonial thinking. According to Walter Mignolo, “exteriority is not something that can be described only from within the system, but requires a narrative created in the same exteriority” (MIGNOLO, 2011, p. 51).

**KEY WORDS:** Exteriority; Latin America; South-Frontier.

## 1 – A RAZÃO DA PESQUISA acadêmica

[...] Estudos Subalternos poderiam contribuir para descolonizar a pesquisa, refletindo criticamente sobre sua própria produção e reprodução do conhecimento e evitando a reinscrição das estratégias de subalternização. MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 279.

Antes de mais, devo justificar o subtítulo “A razão da pesquisa acadêmica”, especificamente no tocante à palavra “razão”. O sentido vai na contracorrente da razão ocidental que sustentou, por conseguinte, todo o pensamento moderno, isto é, o sistema colonial moderno. Advirto que também não se trata de uma mera desrazão, ou (des)razão, mas antes, e pelo contrário, simplesmente de uma razão outra. Aqui estou pensando, sobretudo, na razão pós-ocidental, ou razão subalterna, como trabalhada pelo autor de *Histórias locais/Projetos globais* (2003), mais especificamente no capítulo intitulado “A razão pós-ocidental: a crise do ocidentalismo e a emergência do pensamento liminar.”<sup>2</sup>

11

Se trago essa discussão acerca da razão outra na pesquisa acadêmica hoje, é por que, depois de observado todos os textos que compõem este livro, constatei tratar-se, na verdade, de uma prática outra que está sendo posta em execução, por meio da reflexão de base pós-colonial, ou pós-ocidental, ou simplesmente fronteira, como prefiro. Endossa minha observação quanto à prática da qual os trabalhos se valem, as palavras, expressões, ou até mesmo conceitos empregados por quase todos os textos, como os de fronteira, pesquisa em arte, biogeografia, cultura local, arte-educação, artista-professor-pesquisador, paisagens biográficas, entre tantos outros.

---

<sup>2</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 133-180. Ao invés de “pensamento liminar”, como aparece na tradução do subtítulo, prefiro usar “pensamento fronteiro”.

E uma razão de base subalterna, ou fronteira, não passa, *grosso modo*, de uma prática, uma teorização, um exercício teórico-crítico por meio do qual tanto a teoria quanto a crítica empregadas devem engendrar, por mais contraditório que possa parecer, a própria prática posta em execução no ato de pensar. Nessa opção teórica, os conceitos teóricos não ancoram a reflexão almejada, mas antes, assim como o corpo do objeto de pesquisa, estão a serviço de uma teorização fronteira que, em quaisquer circunstâncias, esta atravessada pelo *biolocus* do sujeito pesquisador.

Como se lê na epígrafe, um dos modos de não incorrer na *reinscrição das estratégias de subalternização* é valer-se de uma prática outra que caminha no sentido de desobedecer epistêmica e conceitualmente aqueles conceitos modernos que já se cristalizam no discurso aquilatado sob a rubrica de pensamento moderno que circula sobretudo dentro da academia e das disciplinas institucionalizadas. Logo, não é à toa, nem por acaso, que o exercício dessa prática está na origem conceitual do que se entende por razão subalterna, ou fronteira: “sugiro que a razão subalterna seja entendida como um conjunto diverso de práticas teóricas emergindo *dos* e respondendo *aos* legados coloniais na interseção da história euro-americana moderna”.<sup>3</sup> Emergindo das margens, das fronteiras, dos *lóci* periféricos, a partir dos quais se formula uma lógica outra, um pensamento outro, o que culmina no que se entende por “epistemologia fronteira” (ANZALDÚA).

Somente um olhar de pesquisador lançado a partir desse *locus* pode mirar para além das disciplinas e da geopolítica do conhecimento, ambas embutidas nos estudos de área, como observa Mignolo. É por isso que, qualquer pesquisa de base subalterna, periférica ou fronteira, como as que coerentemente não são articuladas dos grandes centros ou eixos, mas, sim, das bordas nas quais se encontram os sujeitos subalternos e suas respectivas produções periféricas, pode e deve ser entendida pelo pesquisador, sobretudo, como *uma forma subalterna de pensar outra*, e não como apenas mais uma forma de pensar como tão comumente se faz dentro da academia. Nesse sentido, não basta empregar conceitos advindos de teorização fronteira, ou mesmo nomes e sobrenomes de pensadores desse pensamento, entendendo que, agindo assim, estaria pensando descolonialmente. Nada disso. É, mais do que preciso, é necessário a inscrição do corpo e do

---

<sup>3</sup> MIGNOLO. *Histórias locais\Projetos globais*, p. 139.

compromisso teórico, político mesmo desse pesquisador. E tal presença se daria por meio da inscrição de seu *bios* e de seu lócus ancorando seu lócus enunciativo, mais sua consciência fronteira, ou condição mesma de pensar. Enfim, ou compromisso com uma forma de pensar outra, ancorada em uma perspectiva outra de base subalterna ou fronteira, cujo olhar lançado emerge, sempre, da *exterioridade* e, nunca, da interioridade, isto é, de dentro do modo, ou sistema de pensar moderno que ainda impera dentro das academias e das disciplinas. Pensar da *exterioridade* é a única condição para aquele pesquisador que não almeja simplesmente repetir a velha doxa triunfante da sapiência moderna que não fez outra coisa senão escolher, julgar e sumariamente excluir, pelo fato de estar assentada num pensamento dualista e racializado. As pesquisas que não estão articuladas a partir da perspectiva da *exterioridade*, mesmo quando são pensadas de dentro, estão cada vez mais propensas a repetir uma falácia conceitual que apenas reforça a exclusão preconceituosa que move o mundo. E quando se pensa da fronteira, isto é, do lócus fronteiro, deve-se tomar cuidado redobrado, pois estamos muito mais propensos a repetir as teorias itinerantes que continuam a migrar dos grandes centros do país e do mundo para as margens ignorantes e desconhecidas. Nesse caso, a saída pode estar na transculturação conceitual

empreendida pelo crítico do lugar, mas mesmo assim tal gesto não asseguraria sua liberdade, nem sua autonomia crítica. Também é condição *sine qua non* valer-se dos postulados conceituais que emergem desse lócus fronteiro, incluindo aí, obviamente, a própria reflexão teórica que se encontra incrustada no corpo do “objeto” pesquisado. [escola não se encontra na exterioridade]

13

Na base dessa forma outra de pensar, ou melhor, de engastar o lócus enunciativo que fará a diferença no do discurso do pesquisador deve estar a preocupação com as histórias locais desse mesmo lócus, bem como a consciência crítica aguçada do pesquisador de que ele pensa a partir dessa consciência fronteira, sua única condição.

Logo, *pesquisar a partir de onde se pensa* faz toda a diferença para aquele pesquisador que sabe, sente e pensa que a inserção de seu *bios* na origem de sua reflexão crítica faz toda a diferença. E por uma razão muito simples: o *bios* é histórico, assim, ou por isso mesmo, como toda e qualquer teoria não passa de um “sintoma” daquele que a pensa. A reinserção do *bios* dentro da discussão do pesquisador, a começar por seu projeto de pesquisa e por sua atitude e compromisso com seu lugar de estudo ou trabalho, não mais seria do que a presença incontestada do corpo vivo do sujeito e do “objeto de pesquisa” que, na

verdade, nunca saíram de cena da pesquisa, como tentou nos fazer crer o modelo acadêmico institucionalizado moderno.

Se a *boutade* moderna “penso, logo existo” ancorou a ordem do discurso científico moderno, com a insurgência de epistemologias outras, estamos todos aprendendo hoje que *sentimos, vivemos, estamos sendo e pensamos* numa desordem epistemológica que contribui para a quebra de hierarquias e de ideias totalizantes, homogeneizantes, puristas e abstratas. (Abrindo um parêntese, é como se dissesse que as pesquisas, ou melhor, os resultados das pesquisas públicas realizadas, não podem mais servir apenas para decorar bibliotecas e estantes empoeiradas, mas devem contribuir com as diferenças e preconceitos que ainda grassam dentro da academia, nas ruas das cidades e na sociedade em geral.

## 2 - MINHA OPÇÃO é de vida

Daqui em diante, a opção decolonial não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de ‘estudo’, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer. Ou seja, de viver e com-viver com quem acha que a opção decolonial é a sua e com quem tem encontrado opções paralelas e complementares à decolonial. MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 31.

14

Quando reconheço que minha opção é de vida (e pela vida), na esteira do que afirma Mignolo na epígrafe, quero entender que essa opção arrola também minha opção crítica, teórica e sobretudo epistemológica, desobedecendo, assim, o que precisa ser desobedecido epistemologicamente, e propondo, por conseguinte, um pensamento outro, uma outra coisa que passa necessariamente (politicamente) por meu mapa biográfico. Lembro aqui de uma passagem de Borges a qual tem me perseguido nesses últimos anos de pesquisa acadêmica:

Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>BORGES. *O fazedor*, p. 168.

Um dos motivos de essa passagem me acompanhar dá-se pelo fato de ela também aludir de forma imaginária ao meu biolócus: lugar de onde, além de viver, pensar e escrever, também coordeno e oriento pesquisas acadêmicas, as quais, por mais que as temáticas sejam múltiplas e variadas, vêm presididas, em sua grande maioria, por um referencial teórico ancorado no que aqui venho denominando de CRÍTICA BIOGRÁFICA FRONTEIRIÇA. Tais pesquisas, especificamente nesses últimos 20 anos, têm, na medida do possível, tido o cuidado de não simplesmente repetir, ou endossar a boa regra, ou prática conceitual proposta e defendida pelo sistema do pensamento moderno. Abro um parêntese apenas para lembrar que a pesquisa acadêmica e, por extensão, o pensamento que geralmente a rege, é apenas uma entre tantas outras formas, ou opção de descolonizar o instituído e cristalizado quase sempre no discurso acadêmico e disciplinar. Não por acaso que grande parte das temáticas estudadas nas pesquisas vinculadas ao NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS (2009-) voltam-se para as *histórias locais*<sup>5</sup> da fronteira-sul, cujas histórias, quando ancoradas numa teorização fronteiriça, subvertem\subsumem, ou melhor, rechaçam afastando os projetos globais que por aqui hospedam-se por meio de *teorias itinerantes*(MIGNOLO; BHABHA; NOLASCO) vindas de longe e quase sempre hospedando-se nos discursos acadêmicos cujas teorias nem sempre transculturam(-se ) aquelas, hospedando-as acriticamente.

15

Ainda parafraseando a passagem borgiana, acrescento que me propus, por meio da pesquisa sobretudo, a tarefa de contornar as histórias locais da fronteira-sul<sup>6</sup>, mas acrescentando, conscientemente, a essa teorização a presença do *bios* de

---

<sup>5</sup> “Indagar sobre o local das teorias implica, primeiro, em historicizar qualquer pretensão à universalidade da razão, em que certas formas de conhecimento, e não outras, são relegadas à posição de objeto (‘conhecimento’ primitivo, bárbaro, oriental). Em segundo lugar, implica analisar a crença de que o pensamento teórico é desvinculado de locais linguísticos e geostóricos. Ademais, a ênfase nos loci de enunciação e no local das teorias constantemente revela que o fundamento das teorias não é um sujeito universal situado na história local do Ocidente, mas que a produção teórica e a autodefinição das teorias localiza-se em línguas específicas e histórias locais. É o local (isto é, as histórias locais) que exige a reflexão, não o fundamento universal da mente ‘humana’ traduzida como um conceito local de razão transformado em um dos conceitos cruciais do imaginário do mundo colonial\moderno.” (MIGNOLO. *Histórias locais\Projetos globais*, p. 261-261)

<sup>6</sup> “A pós-colonialidade está entranhada em cada história local e, mais que um significante vazio, é uma ligação entre todas elas. É o conectivo, em outras palavras, que pode inserir a diversidade das

todos os envolvidos na ação, ou opção de desobedecer e, por conseguinte, descolonizar as lições teóricas<sup>7</sup> já consolidadas por aqui, por meio da epistemologia moderna, e propondo, às vezes por conta e alto risco, uma epistemologia outra como mais saudável para (se) pensar tudo aquilo que se encontrava à nossa volta e que por isso mesmo talvez não o víssemos como deveríamos ver. (aqui o *familiar* sempre fora o mais estranho.) Entram nesse rol as histórias locais do homem fronteiriço, do paraguaio, do boliviano, do indígena e sua luta sangrenta pela terra, do artista nativo como Conceição dos Bugres e seu filho Hilton Silva, de escritores locais como Hélio Serejo e Lobivar Matos, de línguas como o guarani e o portunhol, de crenças e danças que trazem as especificidades culturais de um lócus fronteiriço ao Sul.

Minha opção pela vida inclui como condição pensar melhor o outro, a vida desse outro, passando, como condição necessária, por nós mesmos, os pesquisadores envolvidos na ação. Desse modo vamos desbaratando um cientificismo estéril que ainda grassa nos modelos de pesquisa acadêmica, e fazendo se levantar, por conseguinte, uma pesquisa que, nas palavras de Mignolo, não ignora mas *preza a vida*.<sup>8</sup> Todavia, agora, no bojo dessa discussão acerca do “fazer científico” que sempre envolve, ou passa pelo outro (e esse não mais tomado como mero “objeto”, como sempre fora aliás), faz necessário se perguntar quem é esse outro, se é que de fato ela exista. Ao discutir sobre os “desafios decoloniais hoje”, Walter Mignolo destaca a terceira opção como a do

16

---

histórias locais num projeto universal, deslocando o universalismo abstrato de UMA história local, onde se criou e imaginou o sistema mundial colonial/moderno.” (MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 135-136)

<sup>7</sup> “As lições de Jacques Derrida, de Roland Barthes, de François Lyotard, de Michel Foucault, de Freud e Lacan, para mencionar alguns entre tantos, podem ser hoje revisitadas – e digo revisitadas, pelo fato de já se constituírem como lições – por terem rompido os limites dos campos disciplinares, estabelecendo a cooperação entre arte, literatura e teoria, e por terem entendido que nessa relação, nomeada por David Carrol de *paraestética*, o processo não implica o fim da teoria ou da arte, mas a sua revitalização mútua: nem a idealização da estética, nem a supremacia da teoria.” (SOUZA. *Crítica cult*, p. 79.)

<sup>8</sup> “Uma civilização que comemora e preza a vida ao invés de tornar certas vidas dispensáveis para acumular riqueza e acumular morte, dificilmente pode ser construída a partir das ruínas da civilização ocidental, mesmo com suas ‘boas’ promessas como Hobsbawn gostaria que tivesse sido.” (MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 295-296)



“pensamento e a epistemologia fronteiriços.”<sup>9</sup> Tal opção funciona como à categoria de *anthropos*, o que, segundo o autor, nos debates contemporâneos, corresponde a categoria de “outro”. Mas adverte-nos o autor que esse “outro” não existe ontologicamente: “É uma invenção discursiva, Quem inventou o ‘outro’ senão o ‘mesmo’ no processo de construir-se a si mesmo? Tal invenção é o resultado de um enunciado. Um enunciado que não nomeia uma entidade existente, mas que a inventa.”<sup>10</sup> Na verdade, subjacente ao que diz Mignolo, se desenha o mundo da *exterioridade*, mundo esse no qual aquele que não existia passou a existir. Mas a *existidura* desse “outro”, sua visibilidade passa, necessariamente, pela articulação de uma epistemologia outro, o que Mignolo denomina de terceira opção: *pensamento e epistemologia fronteiriços*. Terceira opção, Terceiro Mundo, América latina, lugar fronteiriço, morada do “outro” (*anthropos*), cuja vida vulnerável padece na *exterioridade* sob a sombra do sujeito e do discurso da interioridade moderna.<sup>11</sup> De acordo com Mignolo, foi uma epistemologia territorial e imperial (moderna) que inventou e estabeleceu tais categorias, como a de “*anthropos*”, e classificações, como a de “ontologicamente inferiores”. Faz parte dessa epistemologia moderna o modo teórico de pensar moderno que sempre separou sujeito e objeto, dando a este o estatuto indiscutível de objeto que não pensa, amorfo, inferior, desprovido de teoria, com o objetivo claro de assim melhor dominá-lo, de o por *sub judice* a uma teoria pensante. Não é demais lembrar que nessa discussão de base decolonial, não há mais dualidade ente sujeito e objeto, assim como não há mais separação entre os *bios* dos envolvidos, mas uma aproximação constante.

17

A saída para uma pesquisa assentada num “fazer científico” cuja teorização é decolonial e, por conseguinte, livrar-se dos fantasmas do cientificismo moderno, é aprender a *desprender-se* das amarras das opções teóricas, estéticas, políticas, conceituais, culturais, filosóficas impostas enquanto “outro” da exterioridade. De acordo com Mignolo, “desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer

---

<sup>9</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 18.

<sup>10</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 18.

<sup>11</sup> “Hoje a categoria de *anthropos* (‘o outro’) vulnera a vida de homens e mulheres de cor, gays e lésbicas, gentes e línguas do mundo não-europeu e não-estadunidense desde a China até o Oriente Médio e desde a Bolívia até Gana.” (MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 18)

obedecer. Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e ressubjetivar-se.”<sup>12</sup> Vamos nos deter na discussão do “desprendimento” enquanto uma prática, ou opção descolonial, como uma saída estratégica para pensar o “outro” e seu mundo da *exterioridade*, sem que essa discussão passe, necessariamente, pelo epistemologia moderna. Assim, é possível perceber que arranjos epistemológicos outros podem ser feito no mundo atual, inclusive partindo de dentro da Academia e do modelo como a pesquisa está posta. Desprender-se significa, a princípio, descolonizar (-se), visando mostrar que a descolonialidade é uma “terceira opção” que não consiste em endossar as opções já existentes, como a teoria moderna, ou modo de pesquisa moderno, mas consiste, basicamente, em desprender-se de tais opções. Chamo a atenção para o fato de que a opção descolonial leva em conta, sobretudo, a questão epistêmica, o que faz toda a diferença em sua proposta descolonial. Endossa e justifica a necessidade de tal visada descolonial, ou ação de desprendimento, quando se lembra, por exemplo, como pontua Mignolo, que “o Terceiro Mundo não foi inventado pelas pessoas que habitam o Terceiro Mundo, mas por homens e instituições, línguas e categorias de pensamento do Primeiro Mundo.”<sup>13</sup> O próprio título do ensaio de Mignolo aqui lido, “Desafios decolonias hoje”(20017), já é sintomático da necessidade de rever o modelo instituído e institucionalizado de fazer teoria e fazer pesquisa nas bordas fronteiriças. Também apresenta-se como um desafio pesquisar e teorizar hoje dos trópicos, quando ainda temos por modelo ou referencial teórico um modelo euro-norte-americano que ao ser pensado no centro (Norte) simplesmente ignorou a produção epistemológica da fronteira (Sul). Repetir aqui tal modelo é endossar o coro dos contentes do centro e reforçar, por conseguinte, a exclusão sumária e a separação que sustentou todo o princípio do sistema de pensamento moderno. Lembro aqui que na *boutade* de Descartes “penso, logo existo”, e que está na origem do pensamento ocidental moderno, além da visível dualidade, foi o “corpo” e suas respectivas sensibilidades que ficaram de fora. Nesse sentido, Mignolo observa que “o espanhol (o escrever, a língua) e o português da América do Sul têm a mesma gramática que Espanha e Portugal respectivamente; mas os corpos que as falam habitam memórias diferentes, e, sobretudo, diferentes concepções e ‘sensibilidade

---

<sup>12</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 19.

<sup>13</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 19.

‘de mundo.’<sup>14</sup> Intrínsecos a esses corpos temos as histórias locais que os fazem ser do jeito que são, agregados a eles seu *bios* histórico e sua geoistoricidade. Dai a necessidade de se aprender a pesquisar e a teorizar, bem como a viver, de todos que se encontram numa condição de fronteira: “[precisam]precisavam se desprender e pensar nas fronteiras que [habitam]habitavam: não nas fronteiras do estado-nação, mas nas fronteiras do mundo moderno/colonial, fronteiras epistêmicas e ontológicas.”<sup>15</sup> Enfim, precisamos aprender a desaprender a pensar teoricamente a partir do lócus no qual nos encontramos, posto que nosso corpo encontra-se situado a partir daí, bem como nosso pensamento. Nosso corpo também faz parte da epistemologia da qual nos valem para pensar e nos pensar. O *bios* se inscreve nesse lócus enunciativo por meio de uma discurso histórico que antecede a tudo. Precisamos a aprender a falar do bios e do corpo; afinal uma pesquisa tem alma. Aliás, “pensar habitando a fronteira moderna/colonial, sendo consciente dessa situação, é a condição necessária do pensar fronteiriço descolonial.”<sup>16</sup> Quando o corpo, o bios e a mente têm consciência de sua fronteiridade, e quando temos consciência de que habitamos e pensamos nas\das fronteiras, “estamos no caminho e em processo de desprendimento e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente desobedientes”<sup>17</sup>, conclui Mignolo.

19

Falei a pouco do NECC: Núcleo de Estudos Culturais Comparados coordenado por mim há dez anos (2009-2019). Reconheço que os Grupos de pesquisa, as Revistas em geral, as disciplinas, eventos e seminários e afins são, como propõe Mignolo, “territoriais”.<sup>18</sup> Isto quer dizer que eles são, *grosso modo*, modernos, lugar onde transita o saber, as teorias e seus respectivos conceitos a partir dos grandes centros hegemônicos do país e do mundo. Entendo que nem poderia ser diferente. Todavia o modo, a opção descolonial, ou melhor, o compromisso de quem faz parte, ou trabalha em Grupos dentro da Universidade pública passa por “desprendimento”, por uma desobediência epistêmica que vise,

---

<sup>14</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 20.

<sup>15</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 20.

<sup>16</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 20.

<sup>17</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 20.

<sup>18</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 20.

não subverter a lógica da razão moderna, mas pontuar, mostrar que sua epistemologia se ancora no fora, no caso aqui em questão no lócus fronteiriço. Reforça Mignolo que “nós, *anthropos*, que habitamos e pensamos nas fronteiras, estamos no caminho e em processo de desprendimento e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente desobedientes.”<sup>19</sup> Ser epistemologicamente desobediente equivale a não mais aceitar passivamente e repetir a exaustão as lições conceituais que migraram para as bordas do Sul por meio das teorias itinerantes que se acostumaram nessa viagem sem volta, e sem contra-retorno, do centro para a periferia, do Norte para o Sul global. Saber disso é pagar um preço menor e aprender, desde cedo, que quem se encontra nas bordas da nação moderna deve, no mínimo, transculturar os saberes e as teorias que querem se hospedar nas moradas (lugares, Grupos) dos anfitriões acrílicos. Como forma de rechaçar a “territorialidade” que se perpetua nos Grupos e Academias e afins é entender que “o pensamento fronteiriço é a condição necessária para se pensar descolonialmente”, como afirma Mignolo. Quando se sabe disso, pouco importa se você é um indivíduo nativo fronteiriço ou não, bem como importa menos se você escreve em língua imperial como a portuguesa ou não, porque importa muito mais saber que o pesquisador da fronteira pensa e escreve (e participa dos Grupos e das Instituições) *a partir de seu corpo situado na fronteira*. E isso a pesquisa acadêmica moderna não nos ensinou; muito pelo contrário, trabalhou contra o tempo todo visando rasurar, ou excluir deliberadamente a presença do corpo daquele que pesquisa, pensa e escreve a partir de um lugar situado no espaço da cultura. Trabalho contra o não desprendimento, mantendo o corpo, por sua vez, preso à lógica da razão moderna. É nesse sentido que Mignolo conclui que “argumentar o ‘não-moderno’ requer uma prática de desprendimento e do pensar fronteiriço, para, assim, legitimar que outros futuros mais justos e igualitários possam ser pensados e construídos para além da lógica da colonialidade constitutiva da retórica da modernidade.”<sup>20</sup>

Resta-me dizer que minha opção pelo *bios* é teórica: uma teorização que encampa as sensibilidades biográficas e locais, o ser, o sentir e o fazer, o geoistórico, a ignorância, a ecologia dos saberes, a fronteira-sul, o desprendimento crítico, todos enfim como estratégias para se pensar e ancorar a epistemologia

---

<sup>19</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 20.

<sup>20</sup> MIGNOLO. “Desafios decoloniais hoje”, p. 25.

fronteiriça que se erige daqui (de onde as pesquisas e o “fazer científico” estão sendo propostos), desse lócus específico de uma exterioridade fronteiriça que compreende minha vivência, minha experiência e implica meu pensar, meu fazer e meu sentir — *Se es y se siente – soy donde pienso – donde se piensa* (MIGNOLO). Escusado seria dizer que o corpo (meu corpo epistêmico) está plantado no centro de meu lócus enunciativo fronteiriço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands\La frontera: the new mestiza*, São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais\Projetos globais*. Trad. De Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (Antologia 1999-2014) Espanha: Ediciones Bellaterra, 2015.
- MIGNOLO, Walter. “Desafios decoloniais hoje”. Trad. De Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), p. 12-32, 2017.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. De Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Literatura, língua e identidade*, n.34, p. 287-324, 2008.
- NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil\Paraguai\Bolívia*. Campo Grande\_MS: Editora UFMS, v.7, n.14, jul.\dez. 2015. P. 47-63.

21

Artigo recebido em: 16 de abril de 2016

Artigo Aprovado em: 23 de junho de 2018.

